

Resenha

Doutrinas em confronto, uma perspectiva latino-americana

Confrontation of doctrines, a Latin American perspective

Francisco Rüdiger

frudiger33@gmail.com

PUCRS/ UFRGS

Bolaño, Cesar. 2015. *Campo aberto: para a crítica da epistemologia da comunicação*. Aracaju, Edise.

Cesar Bolaño colocou-se, com outros, na linha de frente dos que, há cerca de duas décadas ou mais, vêm laborando para consolidar entre nós linha de estudos afinada com o que se convencionou chamar de economia política da comunicação (Mosco, 1996). *Indústria cultural, informação e capitalismo* (2000) pode, nesse sentido, ser considerado marco, ao consolidar academicamente o nome de um autor cujos trabalhos, todavia, começaram a investir nesta tendência desde o final dos anos 1980.

Agrada-nos desde o princípio sua postulação teórica, agora reafirmada, de acordo com a qual a indústria cultural “é o elemento chave no tipo de mediação social que se estabelece nas condições específicas do século XX”. “Funcionando como um sistema”, é ela um dos principais fatores de “integração social” no capitalismo avançado (Bolaño, 2015, p. 64), apesar de que, dialeticamente, também não se deva passar por alto seu papel nos processos de desintegração ideológica que têm lugar em nosso tempo (cf. Rüdiger, 2003, p. 215-235).

Reunião de estudos originados de distintas circunstâncias, a obra que resenhamos situa-se nesta perspectiva mais geral de entendimento, que o autor, todavia, projeta em novo patamar ao, polemicamente, meter-se nos cipos do pensamento da e sobre a comunicação na América Latina. As pretensões no sentido de elaborar reflexão

sistemática em relação à corrente de estudos em que o acadêmico se formou não estão mais presentes. Em compensação, o livro inova em sua exploração, ao enveredar pela análise e discussão dos fundamentos epistemológicos em que se assenta a área acadêmica de comunicação na ótica da “teoria marxista”, como seu autor mesmo explicita (Bolaño, 2015, p. 15).

Passando ao comentário, cumpre notar, em primeiro lugar, que, conforme sinalizado, os artigos reunidos na obra carecem da devida organicidade. A matéria poderia ser trabalhada de maneira mais integrada. A leitura cuidadosa constata a presença de uma mesma linha de raciocínio passando ao longo dos textos. O cunho de coletânea, todavia, se impõe, visto a opção ter sido reunir os textos tais como foram originalmente apresentados, sem retrabalhá-los.

Isso significa que o registro analítico não é homogêneo – eles, como dito, não possuem um horizonte comum, ainda que apelem a uma mesma perspectiva, esta que, ao menos entre nós, costuma passar despercebida, já que não é claro à maioria de nossos acadêmicos que “a crítica da economia política traz embutida uma crítica da epistemologia, como bem mostra Sohn-Rethel” (Bolaño, 2015, p. 89).

Bolaño resume no texto os resultados de seu projeto de estudo do conceito de cultura em Celso Furtado, distribuindo-os em mais de um capítulo do volume. Valorizando a reflexão de um clássico do pensamento humanístico brasileiro, o livro tira das suas entrelinhas a riqueza de sugestões e ideias que o economista pode aportar para entender “as articulações entre comunicação e capitalismo em perspectiva histórica” (Bolaño, 2015, p. 17).

Houve, nos anos 1970, polêmica em que os teóricos latino-americanos da dependência se opuseram aos do imperialismo e que deixou marcas na reflexão sobre a cultura. Retomando o importante ensaio de Ingrid Sarti

(1979), Bolaño mostra que a arbitragem da argentina, apesar de apontar para a superação dialética do embate, passa ao lado da alternativa de entendimento do assunto que representaria a “teoria antropológica da cultura” contida na análise econômica de Furtado (Bolaño, 2015, p. 124).

Furtado teria questionado o racionalismo predominante em meio à modernidade capitalista, abrindo perspectivas para pensar a criatividade e inovação em termos que, devidamente reelaborados, podem servir aos que, estudando os processos de comunicação midiática a partir da ótica econômica, não desejam cair no reducionismo ignorante de suas especificidades intelectuais e estéticas.

Talvez ingenuamente, o economista afirmou que a produção tem por finalidade “enriquecer a existência dos homens” (Furtado, *apud* Bolaño, 2015, p. 168). O problema seria que, nos tempos modernos, “a criatividade é posta a serviço do processo de acumulação [capitalista]” (*ibid.*, p. 169).

Bolaño logra ver nisso as pistas com que, por sua conta, desenvolve considerações sobre “indústria, criatividade e desenvolvimento” que poderão interessar não apenas os estudiosos, mas também os práticos que, nas áreas citadas, desejam conduzir seus trabalhos sem a cegueira dos interesses imediatos, via de regra pautados pela heteronomia imposta pela indústria cultural.

Foge a nosso interesse neste artigo discutir esta preensão, examinar se e em que medida a fenomenologia em questão pode contribuir no avanço do pensamento crítico latino-americano na área de comunicação, até por nossa falta de conhecimento especializado sobre o pensamento de Furtado. Significativa, na ótica aqui aplicada, é, antes, a insinuação feita por Bolaño de que, recorrendo a uma obra do economista e similares, é possível relativizar o relato que se instituiu e, para muitos, passou a servir de paradigma, sempre que se trata de falar em “Estudos culturais latino-americanos” (Bolaño, 2015, p. 81-111).

Seguindo perspectiva paralela à de Furtado, a tendência por eles representada colaborou para produzir o eclipse em que caíram as teorias do imperialismo e da dependência cultural que, reduzindo a comunicação à reprodução da ideologia, impediram-se de reconhecer sua autonomia como espaço de produção simbólica e criatividade intelectual (Bolaño, 2015, p. 93). Barbero, Canclini, Orozco e outros situaram os meios no âmbito de processos de formação cultural cujas fontes e dinâmica estariam alhures, por mais que neles intervenham e exerçam influência as comunicações de massa engendradas por organizações especializadas (*ibid.*, p. 97).

Em resumo, concorda o autor, as empresas culturais “não podem deixar de atender às necessidades de reprodução simbólica do mundo da vida” (Bolaño, 2015, p. 102). A indústria cultural não se caracteriza “como mera imposição das instâncias sistêmicas sobre o conjunto da

sociedade”. O fenômeno também precisa responder a necessidades oriundas da vida cotidiana, “caso contrário a mediação e, portanto, a colonização desta não seriam possíveis” (*ibid.*, p. 222).

Ocorreria, porém, que, no caso dos intérpretes citados, a reviravolta no entendimento da matéria teria importado no mascaramento ou minimização das contradições de classe e lutas políticas que as atravessam: “houve o abandono de qualquer projeto transformador [da mídia] em benefício da constatação recorrente do jogo perpétuo do reconhecimento [no plano fluido e cotidiano da cultura]” (Bolaño, 2015, p. 98). Os procedimentos da escola latino-americana mais recente teriam se baseado em uma operação ideológica, através da qual a referência às culturas híbridas surgidas da interação entre as práticas cotidianas e as intervenções midiáticas acabou servindo para “encobrir a existência das culturas de classe” (*ibid.*, p. 100).

Para Bolaño, os estudos de comunicação são parte ou subcampo das ciências sociais, estando envolvidos, desde a origem, em disputas econômicas e ideológicas que conferem à sua epistemologia uma raiz e um sentido eminentemente políticos. Passando por alto as mediações presentes no processo e que ele, por certo, reconhece, endossa o autor a ideia um tanto mecânica de Ariel Mayo segundo a qual é “profunda a relação existente entre luta epistemológica e luta de classes nas ciências sociais” (Bolaño, 2015, p. 58).

Destarte, foi mérito dos estudos culturais latino-americanos ter, antes mesmo de surgir a onda, prevenido contra a crescente preocupação em estabelecer os limites epistemológicos do campo acadêmico da comunicação. “A comunicação não se legitimará fechando-se”, acredita o autor (Bolaño, 2015, p. 72). Estão certas as vozes que permitem argumentar em favor da sua novidade transdisciplinar, conforme forneceria embasamento o relatório da Comissão Gulbenkian, coordenado por Immanuel Wallerstein em meados dos anos 1990 (*ibid.*, p. 59-63).

Instituiu-se com a obra de Jesús Martín Barbero a tendência de, na América Latina, entender a comunicação a partir do conceito de mediação, em vez da pura e simples referência aos seus meios tecnológicos. Bolaño concorda: mediação – “é esse o conceito central, definidor do campo” (Bolaño, 2015, p. 73). Os meios importam, mas têm menos significado epistemológico nos estudos que o campo pode desenvolver. O pomo da discórdia está, por isso, em sua interpretação da categoria. A Escola Latino-Americana estipulou teórica e praticamente que a mediação essencial é a cultura; para o brasileiro se trata, em vez disso, da indústria cultural.

Bolaño apresenta a respeito uma definição que julgamos modesta: “A indústria cultural é a instância de mediação característica do capitalismo monopolista, a forma especificamente capitalista de produção e difusão dos

bens culturais” (2015, p. 100). Para nós, o conceito vai além da “acumulação primitiva do conhecimento”, uma ideia iluminadora que o autor apresenta, e da “subsunção da cultura popular na economia” (*ibid.*, p. 101). Também abarca o campo do consumo e da conduta cotidiana, já que, visto mais radicalmente, remete à forma mercadoria e sua expansão, estética e intelectualmente mediada, por todos os campos da vida social, como ensina a Escola de Frankfurt.

Campo aberto o entrevê em breve passagem (2015, p. 108-109), onde se pode ler que, na era da cibercultura, “novas formas de luta são encontradas, usando inclusive as novas tecnologias, como as redes sociais, mecanismo de interesse da publicidade e do controle social, mas também passível de ser usado pelos movimentos sociais” (*ibid.*, p. 108). De todo modo, fica claro que, na perspectiva crítica, “é precisamente neste sentido que se deve repropor o conceito de mediação: entendendo-o na perspectiva da contradição entre controle e câmbio, dominação e apropriação social, subsunção e resistência, manipulação e práxis social libertadora” (*ibid.*, p. 71).

Sente-se a falta, é certo, nesta altura, da argumentação histórico-filosófica que retiraria do texto de Bolaño o aspecto de mera contraposição de teses: as da economia política renovada pelo humanismo marxista contra as do conformismo populista latino-americano. O autor simplifica a matéria enquadrando-a na pura e simples “luta epistemológica no interior do campo da comunicação”. Parece-nos insuficiente a sugestão de que pertence à economia política da comunicação e à crítica à indústria cultural o monopólio da “preocupação com as formas de desenvolvimento socialmente justas e ambientalmente sustentáveis” (2015, p. 78).

Bolaño não está distante de Muniz Sodré e Miquel Moragas ao afirmar que, mais que acadêmico-administrativa, a comunicação adquire legitimidade intelectual na medida em que opera como lugar estratégico para pensar a cultura e a sociedade (2015, p. 111). As perspectivas em que isso se dá são, contudo, plurais e contraditórias, como ele bem admite, sem, porém, aceitar o que chamaríamos de liberalismo epistemológico. Inspirando-se em Furtado, Bolaño defende e procura argumentar que não faltam à economia política os meios para enfrentar com vantagem suas concorrentes e responder à altura os desafios hermenêuticos e analíticos que nos coloca um mundo cada vez mais midiático.

O reconhecimento de que, neste contexto, o processo de construção da hegemonia se torna mais e mais complexo (cf. 2015, p. 108-109) deveria ser sinal para, com coragem, começarmos a nos perguntar também, porém, se, fora da petição de princípio, ainda está ao alcance dos sujeitos “construir uma instância de mediação autônoma em relação à indústria cultural” (*ibid.*, p. 104). Se as contradições sociais ainda podem ser pensadas e resolvidas no marco da luta de classes (*ibid.*, p. 110) e se, tomando esta última como referência acrítica, isto é: sem discussão, ainda é o caso de impugnar o pensamento alheio por não prever “a socialização dos meios de produção intelectual” (*ibid.*, p. 104) (cf. Garnham, 2011).

Bolaño fornece bom sinal com seu livro de que o marxismo ainda funciona bem como arma da crítica teórica e epistemológica, mas à falta de maior cuidado no uso de suas teses políticas expostas sem, pelo menos, indicar as ressalvas que o estado da arte exigiria, abre flanco de fácil ataque por parte daqueles que, por um ou outro motivo horrorizados com o criticismo, contentam-se pobrememente em celebrar ora a cultura pop, ora as novas tecnologias – como dá prova de síntese em relação às posturas o atual oba-oba sobre as redes sociais.

Referências

- BOLAÑO, César. 2015. *Campo aberto: para a crítica da epistemologia da comunicação*. Aracaju, Edise.
- BOLAÑO, César. 2000. *Indústria cultural, informação e capitalismo*. São Paulo, Hucitec.
- GARNHAM, Nicholas. 2011. The political economy of communication revisited. In: J. WASKO; G. MURDOCK; H. SOUZA (org.), *The handbook of political economy of communication*. Oxford, Blackwell, p. 41-61.
- MORAGAS, Miquel. 2011. *Interpretar la comunicación*. Barcelona, Gedisa.
- MOSCO, Vincent. 1996. *The political economy of communication*. London, Sage.
- RÜDIGER, Francisco. 2003. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural*. Porto Alegre, Edipucrs.
- SARTI, Ingrid. 1979. Comunicação e dependência cultural. In: Jorge WERTHEIN (org.), *Meios de comunicação: realidade e mito*. São Paulo, Nacional, p. 231-251.
- SODRÉ, Muniz. 2015. *A ciência do comum*. Petrópolis, Vozes.

Resenha submetida em 23-04-2017

Aceita em 23-08-2017